

ALFAGUARA

Elizabeth Strout

Lucy à beira-mar

Tradução de Tânia Ganho



*Para o meu marido, Jim Tierney
E para o meu genro, Will Flynt
Com amor e admiração por ambos.*

LIVRO I

I

1

Tal como muitas pessoas, fui apanhada de surpresa.

Mas o William é cientista e apercebeu-se do que aí vinha; apercebeu-se antes de mim, é o que eu quero dizer.



O William foi o meu primeiro marido; fomos casados vinte anos e estamos divorciados há praticamente o mesmo tempo. Damo-nos bem, eu via-o de vez em quando; vivíamos ambos em Nova Iorque, para onde viemos quando nos casámos. Mas como o meu (segundo) marido tinha morrido e a (terceira) mulher dele o deixou, eu vi-o com mais frequência no ano passado.

Na altura em que a terceira mulher o deixou, o William descobriu que tinha uma meia-irmã no Maine; descobriu através de um *site* de genealogia. Sempre pensara que era filho único, pelo que foi uma surpresa tremenda para ele, e pediu-me para o acompanhar ao Maine durante dois dias para a procurar, e assim fizemos, mas a fulana,

que se chama Lois Bubar... Bom, eu encontrei-me com ela, mas ela não quis conhecer o William, o que o fez sentir-se péssimo. Além disso, nessa viagem ao Maine, descobrimos coisas sobre a mãe do William que o deixaram terrivelmente consternado. A mim também.

A mãe dele vinha de um meio incredivelmente pobre, pior ainda do que as circunstâncias em que eu cresci.

A questão é que, dois meses depois da nossa excursãozinha ao Maine, o William me convidou para o acompanhar à Grande Caimão, onde tínhamos ido com a mãe dele, a Catherine, muitos muitos anos antes, e, quando as nossas filhas eram pequenas, íamos lá com elas e com a Catherine também. No dia em que veio a minha casa pedir-me para viajar com ele à Grande Caimão, tinha rapado o bigode farfalhudo e cortado o cabelo branco e farto muito curto, e só mais tarde percebi que isso devia ser consequência de a Lois Bubar não ter querido falar com ele, além de tudo o que descobrira sobre a mãe. Na altura, ele tinha setenta e um anos, mas parece-me que devia estar mergulhado numa espécie de crise de meia-idade, ou crise de homem mais velho, por ter ficado sem a mulher muito mais jovem do que ele, que saiu de casa e levou consigo a filha de dez anos, e por a meia-irmã não ter querido conhecê-lo e ele ter descoberto que, afinal, a mãe não era quem ele julgava.

Portanto, assim fiz: fui passar três dias com o William à Grande Caimão, no início de outubro.

E foi estranho, mas agradável. Ficámos em quartos separados e fomos simpáticos um para o outro. O William

parecia mais reticente do que era hábito e foi estranho vê-lo sem o bigode. Mas houve momentos em que ele atirou a cabeça para trás e se riu com gosto. Reinava uma cortesia entre nós que era consistente, por isso foi um bocadinho estranho, mas agradável.

Quando voltámos para Nova Iorque, senti saudades dele. E saudades do David, o meu segundo marido, que morreu.

Tinha *mesmo* saudades deles os dois, sobretudo do David. A minha casa estava tão silenciosa!



Sou escritora e como nesse outono ia publicar um novo livro, depois da nossa visita à Grande Caimão eu tinha uma série de viagens programadas pelo país fora e fi-las; foi no final de outubro. Também estava prevista uma ida a Itália e à Alemanha no princípio de março, mas no começo de dezembro — foi um bocado estranho — decidi que, afinal, não ia. Nunca cancelo *tournées* literárias e os editores não ficaram contentes, mas decidi simplesmente que não ia. Quando estávamos quase em março, alguém disse: «Ainda bem que desististe de Itália, eles estão a braços com o tal vírus.» E foi nessa altura que me apercebi dele. Creio que foi a primeira vez. Nunca pensei que chegasse a Nova Iorque.

Mas o William, sim.

Vim a saber que, na primeira semana de março, o William telefonara às nossas filhas, a Chrissy e a Becka, e pedira-lhes — implorara-lhes — que saíssem da cidade; elas viviam ambas em Brooklyn. «E não digam nada para já à vossa mãe, mas por favor façam o que vos peço. Depois eu falo com ela.» E, portanto, elas não me disseram nada. O que não deixa de ser interessante, porque me sinto próxima das nossas filhas, diria até que sou mais próxima delas do que o William. Mas elas deram-lhe ouvidos. O marido da Chrissy, o Michael, que trabalha no setor financeiro, ouviu-o mesmo e ele e a Chrissy trataram de tudo para irem para o Connecticut, para casa dos pais do Michael — os pais estavam na Florida, pelo que a Chrissy e o Michael podiam ficar em casa deles —, mas a Becka hesitou, dizendo que o marido não queria sair da cidade. As duas miúdas disseram que queriam que eu soubesse o que se passava, e o pai respondeu-lhes: «Eu trato da vossa mãe, prometo que trato, mas saiam já da cidade.»

Uma semana depois, o William telefonou-me a contar, e eu não me assustei, mas fiquei confusa.

— Vão-se mesmo embora? — perguntei, referindo-me à Chrissy e ao Michael, e o William disse que sim.

— Daqui a pouco, toda a gente vai estar em teletrabalho — explicou ele, e uma vez mais senti que não percebia muito bem o que se passava. Ele acrescentou: — O Michael tem asma, por isso precisa mesmo de ter cuidado.

— Mas não tem crises terríveis de asma — contrapus, e o William fez uma pausa e, então, disse: — Está bem, Lucy.

*

Depois, contou-me que o Jerry, o seu velho amigo, tinha apanhado o vírus e estava ligado a um ventilador. A mulher do Jerry também apanhara o vírus, mas estava em casa. «Oh, Pill, lamento muito!», respondi, mas continuava sem perceber ao certo a gravidade do que se passava.

É estranho como a mente só processa uma coisa quando é capaz de o fazer.

No dia seguinte, o William ligou a dizer que o Jerry tinha morrido.

— Lucy, deixa-me levar-te para fora desta cidade. Já não és nova e és uma magricela e não fazes exercício físico nenhum. És uma pessoa de risco. Deixa-me ir-te buscar e vamos embora. — Acrescentou: — Só durante umas semanas.

— Então e o funeral do Jerry? — perguntei.

— Não vai haver funeral, Lucy — disse o William. — Estamos numa... numa trapalhada.

— Mas para *onde* fora da cidade? — perguntei.

— Fora — repetiu ele.

Eu disse-lhe que tinha compromissos, tinha de falar com o meu contabilista e ir arranjar o cabelo. O William respondeu que eu devia telefonar ao meu contabilista e marcar já uma reunião e cancelar a ida ao cabeleireiro e preparar-me para partir com ele daí a dois dias.

Eu não conseguia acreditar que o Jerry tinha morrido. A sério, não conseguia mesmo. Não via o Jerry há muitos anos e talvez por isso tivesse dificuldade em acreditar. Que

o Jerry tivesse morrido, era uma coisa que não me entrava na cabeça. Ele foi uma das primeiras pessoas a morrerem do vírus em Nova Iorque; na altura, eu não sabia disso.

Mas marquei uma reunião com o contabilista e uma ida ao cabeleireiro e, quando fui ao gabinete do contabilista, apanhei o elevador pequenino, que pára em todos os andares — ele trabalha no décimo quarto piso — e as pessoas entram e encaixam-se lá dentro com copos de café nas mãos e depois olham para os sapatos, piso após piso, até saírem. O meu contabilista é um homem grande, corpulento, exatamente da mesma idade que eu, e sempre nos adorámos; pode parecer um nadinha estranho, porque não convivemos fora do escritório, mas de certa maneira é uma das minhas pessoas preferidas, tem sido tão incrivelmente bom para mim ao longo destes anos todos. Quando entrei no gabinete, ele disse: «Distância de segurança», acenando-me com a mão, e percebi que não nos abraçaríamos como sempre. Ele brincou a propósito do vírus, mas vi que estava nervoso. Quando acabámos a reunião, ele disse: «Porque é que não desces no monta-cargas, eu mostro-te onde fica. Assim, desces sozinha.» Fiquei surpreendida e respondi: Ah, não, não era preciso. Ele esperou um instante e disse: «Está bem. Adeus, Lucy B», mandando-me beijinhos pelo ar, e eu desci pelo elevador normal até ao rés do chão. «Vemo-nos no final do ano», disse-lhe eu; lembro-me de ter dito isso. E, depois, apanhei o metro para a baixa e fui arranjar o cabelo.

Nunca gostei da rapariga que me pinta o cabelo. Adorava a primeira, que mo pintou durante anos, mas ela mudou-se para a Califórnia e a que a substituiu pura

e simplesmente nunca me agradou. E não me agradou nesse dia. Era jovem e tinha um filho pequeno e um namorado novo e, nesse dia, percebi que ela não gostava do filho, era fria, e eu pensei: Nunca mais cá volto.

Lembro-me mesmo de ter pensado isso.

Quando regresssei ao meu prédio, cruzei-me com um homem no elevador que disse que tinha ido ao ginásio, no primeiro andar, mas que o ginásio estava fechado. Parecia surpreso. «Por causa do vírus», disse.



O William telefonou-me nessa noite e disse:

— Lucy, passo aí para te buscar amanhã de manhã e vamos embora.

Foi estranho; não fiquei alarmada, mas a insistência dele continuava a parecer-me surpreendente.

— Mas para onde é que vamos? — perguntei.

— Para a costa do Maine — respondeu ele.

— *Maine*? — repeti. — Estás a *gozar*? Vamos voltar para o Maine?

— Eu explico — disse ele. — Mas, por favor, prepara tudo para irmos.

Telefonei às miúdas para lhes contar o que o pai sugerira e ambas disseram: «É só por umas semanas, mãe.» Embora a Becka não fosse a lado nenhum. O marido — chama-se Trey e é poeta — não quis sair de Brooklyn e ela ia ficar com ele.

3

O William veio na manhã seguinte; assemelhava-se mais ao William de há anos, o cabelo já estava mais comprido e o bigode crescia — rapara-o há cinco meses —, mas ainda não chegava aos calcanhares do que fora em tempos, pelo que o achei um bocadinho estranho. Reparei que tinha uma pelada na parte de trás da cabeça; o couro cabeludo era cor-de-rosa. E, além disso, ele parecia esquisito. Postou-se no meu apartamento com uma expressão de ansiedade, como se eu não me estivesse a mexer à velocidade que ele queria. Sentou-se no sofá e urgiu: «Lucy, despachas-te?» Portanto, atirei umas roupas para dentro da minha malinha violeta e ignorei a louça suja do pequeno-almoço. A senhora que me ajuda a limpar a casa, a Marie, vinha no dia seguinte e eu não gosto de deixar louça suja para ela lavar, mas o William queria mesmo fazer-se à estrada.

— Traz o teu passaporte — disse ele. Virei-me para o fitar.

— Por que carga de água é que preciso do passaporte? — perguntei. E ele encolheu os ombros e disse:

— Para o caso de irmos ao Canadá.

Fui buscar o passaporte e, a seguir, peguei no computador, mas voltei a pousá-lo.

— Traz o computador, Lucy — disse o William.

— Não — retorqui. — Não preciso dele só por duas semanas. O *iPad* serve.

— Acho melhor trazeres o computador — insistiu. Mas não o fiz.

O William pegou no computador e levou-o consigo.

Descemos no elevador e reboquei a minha mala com rodinhas até ao carro dele. Vestia o meu casaco novo

de primavera, comprado recentemente. Era azul-escuro e preto e as miúdas convenceram-me a comprá-lo da última vez que fomos à Bloomingdale's, umas semanas antes.

4

Eis o que eu não sabia nessa manhã de março: não sabia que nunca mais veria o meu apartamento. Não sabia que uma das minhas amigas e um familiar morreriam daquele vírus. Não sabia que a minha relação com as minhas filhas mudaria de uma maneira que eu nunca poderia ter imaginado. Não sabia que a minha vida inteira se tornaria uma coisa diferente.

São estas as coisas que eu não sabia nessa manhã de março, enquanto me dirigia para o automóvel do William com a minha mala violeta de rodinhas.

5

Enquanto saíamos da cidade, olhei para os narcisos amarelos que brotavam na parte lateral do meu prédio e para as árvores em flor perto de Gracie Mansion¹; o sol jorrava, emanando um calor suave, e as pessoas caminhavam ao longo do passeio, e eu pensei: Oh, que mundo tão bonito, que cidade linda! Metemos pela autoestrada FDR, havia muito trânsito como sempre e, à esquerda, um grupo de homens jogava basquetebol num campo rodeado por uma vedação de arame.

¹ Residência oficial do presidente da Câmara de Nova Iorque. (*N. da T.*)

Assim que entrámos na Cross Bronx Expressway, o William contou-me que tinha arrendado uma casa numa povoação chamada Crosby — ficava na costa — e que o Bob Burgess, o ex-marido da Pam Carlson, de há muitos anos, vivia lá agora e a arranjara para ele. A Pam Carlson é uma mulher com quem o William teve um caso intermitente durante anos, enfim, não importa. Quero dizer, não importa *agora*. Mas a Pam ainda é amiga do William e também do ex-marido, o Bob, e pelo visto o Bob era advogado nessa tal vila, e a mulher a quem a casa pertencia pusera-a recentemente no mercado: o marido morrera e ela mudara-se para um apartamento com assistência médica e pedira ao Bob para tratar do arrendamento. O Bob disse que podíamos ficar na casa, a renda não era sequer um quarto da do meu apartamento em Nova Iorque e, seja como for, o William tem dinheiro.

— Durante quanto tempo? — perguntei outra vez.

Ele hesitou.

— Não sei, umas semanas.



O que é estranho agora, quando olho para trás, é o facto de eu pura e simplesmente não saber o que se passava.

Nos últimos meses, andava meio sem ânimo. Sentia-me assim porque o meu marido tinha morrido um ano antes; além disso, fico muitas vezes em baixo no final de uma *tournée* literária e neste caso foi pior, por não poder telefonar ao David enquanto andava na estrada. Foi a parte mais difícil da viagem: não poder falar com o David todos os dias.

*

Recentemente, uma escritora que conheço — chama-se Elsie Waters e o marido dela morreu muito pouco tempo antes do meu marido David e, por isso, tornámo-nos bastante chegadas — convidara-me para jantar e eu respondera que, naquele momento, estava demasiado cansada. Não tem mal, dissera ela, assim que te sentires com mais energia, encontramo-nos!

Também me lembro sempre disso.



A certa altura, o William parou para pôr gasolina e, quando olhei para o banco de trás, vi o que me pareceram ser umas máscaras cirúrgicas dentro de um saco de plástico transparente e uma caixa de luvas descartáveis.

— O que é aquilo? — perguntei.

— Não te preocupes com isso — respondeu o William.

— Mas o que é? — insisti, e ele repetiu:

— Não te preocupes com isso, Lucy.

Mas reparei que calçou uma luva para pegar na mangueira da gasolina. Pensei que ele estava a ser completamente exagerado, e revirei os olhos, mas não lhe disse nada.



Portanto, o William e eu fomos de carro até ao Maine, naquele dia, foi uma longa viagem soalheira e não me lembro de termos falado muito. Mas o William estava

perturbado por a Becka ter ficado na cidade, em Brooklyn. Disse: «Eu expliquei-lhe que lhes pagava uma casa em Montauk, mas eles recusaram.» Acrescentou: «Vais ver que, daqui a nada, a Becka está em teletrabalho.» A Becka é assistente social e eu disse que não percebia como é que ela podia trabalhar em casa, mas o William limitou-se a abanar a cabeça. O Trey, o marido da Becka, dá aulas de poesia — é assistente convidado — na Universidade de Nova Iorque, e eu também não estava a ver como é que ele podia trabalhar em casa. Mas não o disse. De certo modo, julgo que nada me parecia de verdade; é que — estranhamente — eu não estava assim muito preocupada.

6

Quando finalmente saímos da autoestrada, já no Maine, e rumámos à vila costeira de Crosby, o céu tornou-se de repente muito enevoado; tirei os óculos de sol e tudo me pareceu completamente castanho e soturno, mas de uma maneira que se me afigurou interessante: havia muitas tonalidades de castanho nas ervas por que passámos e uma certa quietude nisso. Depois, entrámos na povoação e vimos uma grande igreja branca no cimo de um pequeno monte e os passeios eram de tijolo e as casas brancas de tábuas de madeira, e outras de tijolo. Via-se que a vila tinha alguma beleza, para quem se interessa por esse tipo de coisa.

Não é o meu caso.

Parámos em casa do Bob Burgess, uma moradia de tijolo no centro da vila. As árvores em redor eram cinzentas

e despidas, sem folhas, e o céu também parecia deprimido... então, o Bob saiu de casa e postou-se no caminho de acesso, a uma certa distância do carro. Era um homem grande, de cabelo grisalho, e vestia uma camisa de ganga e umas calças também de ganga meio pingüças, e ficou ali parado, inclinado para nos ver melhor — o William tinha a janela aberta —, e disse que as chaves estavam no alpendre da casa, explicou-nos como é que lá chegávamos e acrescentou: «Vão ficar de quarentena durante duas semanas, não vão?» E o William respondeu que sim, íamos. O Bob disse que nos deixara mercarias suficientes dentro de casa para aguentarmos esse tempo. Pareceu-me incrivelmente simpático, quando me debrucei para o ver, porque o William me tapava a vista, mas não entendi muito bem porque é que o William não saiu do carro e porque é que não se cumprimentaram com um aperto de mão e, quando nos fomos embora, o William disse: «Ele tem medo de nós. Acabámos de chegar de Nova Iorque. Na cabeça dele, somos tóxicos. E talvez sejamos»



Descemos uma rua estreita que parecia não ter fim; havia umas quantas árvores perenes, mas todas as outras estavam despidas e, de repente, quando olhei pela janela do carro, fiquei espantada com o que vi. Dos dois lados da estrada estendia-se o mar, mas eu nunca tinha visto um mar assim. Mesmo com o céu nublado, era incrivelmente belo; não havia praias, só rochas cinza-escuras e castanhas e árvores perenes pontiagudas que pareciam

brotar dos próprios rochedos. Uma água verde-escura enroscava-se nas rochas, e algas castanho-douradas, quase cor de cobre, jaziam, estriadas, nas rochas, enquanto as ondas rebentavam. O resto do mar era cinza-escuro e, mais longe da costa, viam-se pequeninas cristas brancas, havia só uma enorme extensão de água e céu. Demos uma curva e eis que surgiu uma enseadazinha onde estavam muitos barcos de pesca da lagosta; e parecia haver tanto ar, com aqueles barcos parados na enseada, todos virados na mesma direção, com o mar largo atrás deles, que sinceramente achei a paisagem deveras magnífica. Pensei: Isto é que é o *mar!* Era como um país estrangeiro para mim. Só que, na verdade, os lugares estrangeiros assustam-me sempre. Gosto de sítios conhecidos.



A casa arrendada parecia grande, vista de fora, e ficava na ponta de um promontório, no cimo de um penhasco, sem nenhuma outra por perto; era de madeira em bruto, fustigada pelas intempéries. Um caminho de acesso muito íngreme e rochoso levou-nos lá; o carro inclinava para um lado e para o outro enquanto subíamos. Assim que saí, cheirei o ar e percebi que era o oceano, o mar. Mas não era como em Montauk, na ponta leste de Long Island, onde fomos quando as miúdas eram pequenas, nem como na Grande Caimão; este cheiro afigurou-se-me pungentemente salgado e não me agradou por aí além.

A casa devia ter sido encantadora, dava para ver que a certa altura fora encantadora, tinha um enorme alpendre envidraçado mesmo sobranceiro à água; mas, quando

entrei, senti o que sinto sempre que estou em casa de outra pessoa: detesto. Detesto o cheiro das vidas dos outros — este cheiro misturava-se com o do mar — e o alpendre envidraçado na realidade não era de vidro e sim de acrílico grosso, e o mobiliário parecia estranho, sem o ser: móveis tradicionais, um sofá vermelho-escuro afundado no meio, várias cadeiras e uma mesa de jantar de madeira com montes de arranhadelas e, no andar de cima, havia três quartos com mantas de retalhos em cada cama. Algo naquelas mantas de retalhos me deprimiu completamente. E o frio de rachar.

— William, estou gelada — queixei-me, do cimo das escadas, e ele não levantou os olhos para mim, mas dirigiu-se para o termostato e, passado um instante, ouvi o calor a passar pelas saídas de ar no chão, nas pontas dos quartos. — Põe bem forte — pedi.

A casa não era tão grande como parecia de fora, com o alpendre enorme, e era bastante escura por dentro precisamente por causa do alpendre. E por estar nublado. Dei uma volta e acendi quase todas as luzes.

Sentia-se uma ligeira humidade em tudo. A cozinha e a sala davam para o mar e, ali parada, pensei uma vez mais que era espantoso, tanta água a perder de vista; havia rochas, e a água escura redemoinhava em redor delas em ondas com uma brancura quando se despenhavam, era digno de se ver. Mais ao longe, distingi duas ilhas, uma pequena e a outra maiorzinha, e tinham algumas árvores perenes e eram rodeadas de rochas.

Senti uma doçura ante as duas ilhas e isso lembrou-me quando eu era miúda e vivia na nossa casa minúscula na aldeia de Amgash, no Illinois, e no meio dos campos de soja e milho erguia-se uma árvore e eu sempre considerara

essa árvore minha amiga. Agora, contemplando-as, era como se aquelas duas ilhas fossem quase o mesmo que a árvore representara em tempos para mim.

— Qual dos quartos queres? — perguntou o William, enquanto punha coisas do carro no chão da sala.

Os três quartos não eram lá muito grandes e o do fundo tinha árvores mesmo até à janela, e eu disse ao William que não queria esse, podia ser qualquer um dos outros, não me importava qual. Observei-o da base das escadas enquanto ele levava a minha mala para cima, e um saco de lona com coisas dele.

— Ficas no da claraboia — gritou ele, e ouvi-o entrar num dos outros quartos e, passado um minuto, apareceu na escada com o sobretudo, que me atirou, dizendo: — Veste isto até aqueceres.

Por isso, vesti-o, mas sempre detestei sentar-me dentro de casa de casaco posto.

— Estou impressionada por teres pensado em trazer o teu sobretudo. Como é que sabias que o devias trazer? — disse eu.

E, descendo as escadas, ele respondeu:

— Porque estamos no Maine, que fica no Norte, e é março e faz mais frio do que em Nova Iorque.

O tom não me pareceu mesquinho.

E, assim, instalámo-nos.

— Não podemos estar com ninguém nas próximas duas semanas — anunciou o William.

— Nem sequer para darmos um passeio? — perguntei.

— Podemos dar um passeio, mas ficando longe das outras pessoas.

— Não vou ver *ninguém* — disse eu, e o William, olhando pela janela, retorquiui:

— Pois não, desconfio bem que não.

Eu não estava nada contente. Não gostava da casa nem do frio, e não sabia o que sentia em relação ao William. Parecia-me alarmista e eu não gostava que me fizessem sentir assim, alarmada. Comemos a nossa primeira refeição à mesinha redonda da sala de jantar, massa com molho de tomate. No frigorífico, estavam quatro garrafas de vinho branco e fiquei surpreendida ao vê-las.

— O Bob comprou este vinho para nós?

— Para ti — disse o William, e eu respondi:

— Disseste-lhe?

Ele encolheu os ombros.

— Talvez. — O William raramente bebe álcool.

— Obrigada — disse eu, e ele arqueou as sobrancelhas, e senti-me um nadinha como na viagem que tínhamos feito, meses antes, à Grande Caimão, senti que o William me parecia um bocado estranho, o bigode ainda não estava farfalhado como antigamente e eu continuava sem me habituar a isso.

Mas disse a mim mesma que conseguia aguentar aquilo durante duas semanas.

No andar de cima, fui ao quarto dos fundos, onde as árvores se encostavam à janela, e só então vi — não tinha reparado nisso antes — que havia uma grande estante na parede em frente à janela, recheada de livros: na sua maioria, romances da época vitoriana e livros de História, especialmente sobre a Segunda Guerra Mundial. Tirei a manta de retalhos dessa cama e pu-la em cima da manta

da cama no meu quarto. E quando adormeci, dormi a noite inteira, o que me surpreendeu. Lembro-me de que era quinta-feira.



Aguentámos o fim de semana, fazendo caminhadas juntos e em separado. O céu estava muito enevoadado e não se via cor em lado nenhum, a não ser no pedacinho de relvado verde perto da casa, no cimo do penhasco. Sentia-me irrequieta. E cheia de frio o tempo todo. Não *suporto* o frio. A minha infância foi marcada por uma pobreza extrema e, quando eu era miúda, tinha sempre frio; ficava na escola todos os dias depois das aulas só para não sair do quentinho. Até dentro desta casa no Maine eu vestia duas camisolas de lã minhas com o casaco de malha do William por cima.

7

Naquela segunda-feira de manhã, o William estava a ler qualquer coisa no computador e perguntou-me:

— Conhecias uma escritora chamada Elsie Waters?

Fiquei surpreendida.

— Sim — disse, e ele passou-me o portátil. Foi assim que descobri que a Elsie Waters, com quem eu devia ter ido jantar mas não fui por estar demasiado cansada, tinha morrido por causa do vírus. — Oh, meu *Deus!* — exclamei. — *Não!*

No ecrã, a Elsie sorria, radiosa.

— Tira-me isso da frente — disse eu, devolvendo o computador ao William.

Os olhos tinham-se-me enchido de lágrimas, mas elas não caíam e eu fui buscar o meu casaco, peguei no telemóvel e saí porta fora. *Não, não, não*, pensava, furiosa. E então liguei a uma amiga dela que eu também conhecia e a amiga estava a chorar. Mas eu não conseguia chorar.

A amiga disse-me que a Elsie morrera em casa, que telefonara para a linha de emergência, mas, quando a ambulância chegou, ela já não respirava. Falámos mais uns minutos e eu percebi que não podia reconfortar aquela nossa amiga, nem ela a mim.

Caminhei e caminhei, como se atravessasse um túnel; sempre desejava de chorar, mas sem conseguir.

No final da semana, mais três pessoas que eu conhecia em Nova Iorque apanharam o vírus; outras quantas tinham sintomas, mas não conseguiam fazer o teste, porque os médicos não as queriam nos seus consultórios. Isso assustou-me: que médicos não deixassem as pessoas entrar nos seus consultórios!

Telefonei à Marie, que me ajudava com a limpeza do meu apartamento, e disse-lhe para não ir lá a casa; não a queria a andar de metro. Ela disse que fora lá um dia depois de eu me ter vindo embora, mas que não voltaria. O marido era porteiro no meu prédio e ela contou-me que ele ia de carro de Brooklyn — para evitar o metro — e que regaria a minha planta grande todas as semanas. É a única planta que tenho, já há vinte anos — arranjei-a quando saí de casa do William — e estou profundamente ligada a ela. Agradei-lhe efusivamente por isso, por tudo o que fizera. Ela parecia calma. É religiosa e disse que rezaria por mim.



Eu já tinha telefonado às miúdas quando chegámos, mas liguei-lhes outra vez e a Chrissy parecia bem; no entanto, achei a Becka de mau humor, dir-se-ia rabugenta, e ela não quis falar muito tempo.

— Desculpa — disse ela —, mas neste momento tudo me enerva.

— É natural — respondi.



Havia um grande televisor entalado no canto da sala de estar e o Bob Burgess mantivera a ligação por cabo. Raramente vejo televisão — nunca tivemos um aparelho quando era miúda e penso que, em parte, é por isso que nunca criei uma relação com o pequeno ecrã —, mas o William ligava este à noite e víamos as notícias. Eu não me importava, senti que era uma maneira de ter (termos) ligação ao mundo. Falavam do vírus: todos os dias surgiam mais casos noutro estado, mas eu continuava sem perceber o que enfrentávamos. Uma noite, o secretário de Estado da Saúde disse que a situação possivelmente ia piorar antes de melhorar. Lembro-me de ouvir isso. E a Broadway já tinha fechado os teatros (!). Também me lembro disso.



**Distinguida com o Prémio Pulitzer,
a extraordinária escritora Elizabeth Strout
regressa, neste romance, à sua icónica
personagem Lucy Barton, protagonista
de uma história de empatia, emoção,
perda e esperança.**

Quando o medo pandémico se apodera da cidade, Lucy Barton abandona Manhattan e muda-se com William, o seu ex-marido, para uma pequena cidade costeira no Maine. Nos meses que se seguem, os dois vivem numa casa perto do mar, experiência que vai revelar-se transformadora. Lucy e William voltam a ser os companheiros de há tantos anos — a diferença é que se encontram isolados do mundo em colapso, estando a sós com um complexo passado, com as suas memórias e com os seus desejos.

Elizabeth Strout explora os interstícios do coração humano e compõe um retrato revolucionário e luminoso das relações íntimas durante os confinamentos. No cerne desta história estão os laços profundos que nos unem, mesmo quando separados: o vazio após a morte de alguém que amamos, ou o consolo de um antigo amor que afinal perdura.



«O livro mais subtil e intensamente comovente de Elizabeth Strout.
Uma obra verdadeiramente monumental.»

The Guardian




«Nenhuma outra escritora da atualidade revela este sentido de empatia.
[...] Que muitos leitores se sintam engrandecidos, reconfortados
e genuinamente animados pela história de Lucy Barton.»

The Boston Globe

Um dos melhores livros do ano:
The New York Times Book Review ★ *The New Yorker*
Time ★ *The Washington Post*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt
  penguinlivros
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897848674



9 789897 848674 >